

Problemas tradutórios em um poema de Carlos Drummond de Andrade

Ivaldete de A. Passerieux*

Resumo:

Em qualquer atividade humana, por mais simples que ela seja, os problemas geralmente aparecem: simples ou mais complexos, fáceis ou de difícil solução eles existem, e, na atividade tradutória, não poderia ser diferente. Este trabalho tem a finalidade de apresentar alguns aspectos dos problemas tradutórios, especificamente na poesia – quando eles são abordados mais de frente, devido à dificuldade natural do material trabalhado (o texto em verso, o texto poético), identificados que foram na tradução do poema *José* de Carlos Drummond de Andrade. Uma tentativa de tradução é apresentada como alternativa para os problemas apresentados.

A tradução, segundo Mounin (1963), consiste em reproduzir, na língua de chegada, o equivalente natural mais próximo da mensagem da língua de partida, primeiro quanto à significação, depois, quanto ao estilo. No entanto, ele observa que este equivalente natural é raramente obtido definitivamente. Em verdade, acrescenta, o tradutor nunca está satisfeito e tem sempre vontade de recomeçar suas traduções.

Para Fédorov (apud Mounin, 1963), a tradução é uma operação lingüística com suas técnicas e seus problemas particulares, devendo, portanto, ser incorporada no conjunto das disciplinas lingüísticas. Esta é uma opinião contestada não pelos lingüistas, mas pelos tradutores, que consideram a tradução sobretudo como uma arte e não uma operação de análise lingüística. Vinay (1968:744) diz que *“de science ou de technique, elle devient un art.”* Esta é também a posição de Cary (apud Mounin, 1963:14) que considera a tradução literária uma operação literária e não lingüística, assim como concebe uma operação poética a tradução poética: *“pour traduire les poètes, il faut savoir se montrer poète.”*

De acordo com alguns lingüistas, a problemática da tradução é levantada com frequência, do ponto de vista das línguas. Já Coseriu (1980) não é plenamente de acordo com o problema da tradução residir essencialmente sobre a língua, pois ela não consiste em traduzir palavras e significados, tampouco frases ou construções, mas, só se traduzem textos. E estes não são elaborados apenas com meios lingüísticos, mas também – segundo os casos – com a ajuda de meios extralingüísticos. Para ele, é este o princípio básico da tradução que tem como objetivo, reproduzir não o mesmo significado, e sim a mesma designação e o mesmo sentido com os meios de outra língua. Traduzir, para ele, não é *“Como se traduz este ou aquele significado desta língua?”*, mas *“Como se denomina o mesmo fato ou o mesmo estado de coisas em outra língua, na mesma situação?”*.

A diversidade dos significados constitui, é claro, um problema importante para

* Trabalho realizado na disciplina Tradução Orientada, sob orientação do Prof. Francisco Gomes de Matos, em 1998.2.

a prática de *traduzir*, mas trata-se de um problema empírico. No plano teórico, ao contrário, o problema existe apenas se, para uma determinada designação, uma língua não possui significado algum. Nesse caso, o tradutor recorre a meios supra-idiomáticos: adoção de expressões da língua de partida, equivalência, transposição, modulação, adaptação semântica, etc., e mais: o tradutor deve ser escritor para traduzir um romance, ser poeta para traduzir um poema, jornalista para traduzir um texto jornalístico, dramaturgo para traduzir uma peça teatral, etc.

De acordo com Rónai (1981), as dificuldades que o tradutor deve enfrentar multiplicam-se quando se aborda uma poesia. Se para traduzir a mensagem da língua de partida (ou língua fonte), o tradutor deve esquecer momentaneamente as palavras em que ela é vazada e reformulá-la na língua de chegada (ou língua alvo), em poesia, o procedimento não é absolutamente o mesmo; na poesia não há mensagem vazada em palavras, pois estas fazem parte da mensagem. A sonoridade, o acento dos vocábulos, a harmonia das rimas, a métrica e o ritmo dos versos, o aspecto visual, a composição das estrofes, tudo isso é conteúdo e forma ao mesmo tempo, que o tradutor deve - na medida do possível - respeitar. A tarefa não é fácil. E como já foi dito, é preciso que o tradutor seja poeta.

Além do conteúdo e de toda arte contida no poema, entram em jogo todo o sentimento, toda a emoção do autor do texto original, que devem ser mantidos pelo tradutor.

Ainda segundo Paulo Rónai, a poesia moderna faz uso restrito da rima, do ritmo, daquilo que se costumava designar como valores formais do lirismo. Muitas vezes, não sabemos se ainda podemos falar em verso ou se estamos diante de um tipo novo de prosa. Então a tarefa do tradutor se torna ao mesmo tempo mais leve e mais árdua, pois se, de um lado, se reduz a captar o sentido e a reproduzir a mensagem expressa e implícita do poema, do outro, terá que deixar intacta a sua possível ambigüidade.

1. Análise de uma tradução do poema José

O poema *José* de Carlos Drummond de Andrade (*Réunion-Reunião*, 1973; originalmente publicado em 1942) tem essa característica da poesia moderna. Nele, o poeta apresenta um José diante de um impasse expresso claramente no verso que se repete a cada estrofe: "*E agora, José?*". O refrão é tão forte que, depois de 57 anos, o poema se constitui, sem dúvida alguma, numa das poesias mais vivas do Brasil e será sempre atual e recente – critério aliás, de tudo que é bom. É uma obra consistente, plena, que encanta pela riqueza temática expressa na singeleza de seu vocabulário e de sua sintaxe. Além disso, o paralelismo anafórico constante em todo o corpo do poema, muito o enriqueceu, dando-lhe mais força e mais beleza.

Traduzido por Jean-Michel Massa¹, o poema mostra claramente não a imperícia do tradutor ou dos tradutores, mas a própria singularidade do material trabalhado, o texto em verso; o texto poético. E como –acima já o dissemos– é difícil a tarefa de traduzir poesia; para quem nela se aventura, torna-se um trabalho desafiadoramente gratificante.

¹ Apesar de todos os esforços, foi impossível obter outros dados biográficos do tradutor, a não ser de professor na Universidade da Haute-Bretagne e erudito biógrafo de Machado de Assis.

O poema e a tradução mencionados são os seguintes:

	José	José
	Carlos Drummond de Andrade	Tradução: Jean – Michel Massa
	E agora, José?	Et maintenant, José?
	A festa acabou,	Finie la fête,
	a luz apagou,	éteinte la lumière,
5	o povo sumiu,	disparu le peuple,
	a noite esfriou,	plus fraîche la nuit,
	e agora, José?	et maintenant, José?
	e agora, você?	et maintenant, toi?
	você que é sem nome,	toi qui es sans nom,
	que zomba dos outros,	qui te moques des autres,
10	você que faz versos,	toi qui fais des vers,
	que ama, protesta?	qui aimes, protestes?
	e agora, José?	et maintenant, José?
	Está sem mulher,	Sans femme,
	está sem discurso,	sans mots,
15	está sem carinho,	sans affection,
	já não pode beber,	à présent impossible de boire,
	já não pode fumar,	à présent impossible de fumer,
	cuspir já não pode,	et de cracher aussi,
	a noite esfriou,	la nuit a fraîchi,
20	o dia não veio,	le jour n'est pas venu,
	o bonde não veio,	le train n'est pas venu,
	o riso não veio,	le rire n'est pas venu,
	não veio a utopia	pas plus que l'utopie
	e tudo acabou	et tout est fini
25	e tudo fugiu	et tout a fui
	e tudo mofou,	et tout a moisi
	e agora, José?	et maintenant, José?
	E agora, José?	Et maintenant, José?
	Sua doce palavra,	Ta douce parole,
30	seu instante de febre,	ta goinfrerie et ton jeûne,
	sua gula e jejum,	ta minute de fièvre,
	sua biblioteca,	ta bibliothèque,
	sua lavra de ouro,	ta mine d'or,
	seu terno de vidro,	ton costume de verre,
35	sua incoerência,	ton incohérence
	seu ódio – e agora?	ta haine – et maintenant?
	Com a chave na mão	La clef à la main
	quer abrir a porta,	on veut ouvrir la porte,
	não existe porta;	la porte n'existe pas;

40	quer morrer no mar, mas o mar secou; quer ir para Minas, Minas não há mais. José, e agora?	on veut mourir en mer, mais la mer a séché; on veut aller à Minas, il n'y a plus de Minas, José, et maintenant?
45	Se você gritasse, se você gemesse, se você tocasse a valsa vienense, se você dormisse, se você cansasse, se você morresse...	Si tu criais, si tu gemissais, si tu jouais la valse de Vienne, si tu dormais, si tu te lassais si tu mourais...
50	Mas você não morre, você é duro, José!	Mais tu ne meurs pas, tu es solide, José!
55	Sozinho no escuro qual bicho-do-mato, sem teogonia, sem parede nua para se encostar, sem cavalo preto que fuja ao galope, você marcha, José! José, para onde?	Tout seul dans le noir comme une bête sauvage, sans théogonie sans mur nu pour t'appuyer, sans cheval noir qui fuie au galop, tu avances, José! José, vers où?
60		

Este trabalho não tem absolutamente a pretensão de criticar a tradução de Jean-Michel Massa. A idéia de discuti-la surgiu da leitura e da observação de que alguns versos, se traduzidos de outra forma, teriam melhor preservada a fidelidade estilística no que diz respeito principalmente aos seguintes aspectos: métrica, acento dos vocábulos, sonoridade e ritmo dos versos.

Na tradução cotejada, a redondilha menor do poema original transformou-se em versos livres, os mais variados quanto ao número de sílabas, comprometendo, assim, a sonoridade e o ritmo:

Sans femme,
sans mots,
sans affection,
à présent impossible de boire,
à présent impossible de fumer,
et de cracher aussi,
la nuit a fraîchi,

.....

Com tal procedimento, o tradutor deixa claro seu compromisso apenas com a fidelidade contextual, que foi integralmente mantida.

Um detalhe curioso na quarta estrofe é o emprego do pronome indefinido *on*², quando o personagem do poema é sempre o *José*, representado no texto na segunda pessoa do singular (tu, toi), na transposição exigida pela língua de chegada que não possui o pronome pessoal de tratamento na terceira pessoa do singular, o “você” do texto original.

Diante do exposto, uma tentativa de tradução é apresentada mais como alternativa para os problemas em questão e não como pretensão de superar o texto em estudo.

José

Tradução: Ivaldete Passerieux

Et alors, José?
 La fête finie,
 le jour terminé,
 les gens disparus,
 5 la nuit refroidie,
 et alors, José?
 et maintenant, toi?
 et toi qui es sans nom,
 qui railles les autres,
 10 qui fais de beaux vers,
 qui aimes, protestes?
 et alors, José?

Hélas! Tu es seul,
 tu n’as plus de discours,
 15 tu n’as plus de caresse
 tu ne peux plus boire,
 tu ne peux plus fumer,
 cracher, ne peux pas,
 la nuit refroidie,
 20 le jour terminé,
 le train ne vient pas,
 le rire ne vient pas,
 l’utopie non plus
 et tout est fini,
 25 tout a disparu
 et tout a moisi,
 et alors, José?

²Embora, às vezes, possa substituir determinado sujeito. (BESCHERELLE, 1977. p. 362).

Et alors, José?
 Ta douce parole,
 30 ton instant de fièvre,
 ton jeûne et goinfrerie,
 ta bibliothèque,
 ton gros lingot d'or,
 ton beau sarcophage,
 35 ton incohérence,
 ta haine – et alors?

La clé à la main
 tu veux ouvrir la porte,
 il n'y a pas de porte;
 40 mourir à la mer?
 La mer a séché.
 Mais, voir ton pays?
 Il n'existe plus.
 José, et alors?

45 Et si tu criais
 et si tu pleurais
 et si tu jouais
 la valse de Vienne
 et si tu dormais,
 50 si tu te lassais
 et si tu mourais...
 Mais tu ne meurs pas,
 tu es dur, José!
 Tout seul dans le noir
 55 comme un animal,
 sans théogonie,
 sans aucun rempart
 pour te protéger,
 sans cheval moreau
 60 qui fuie au galop,
 tu marches, José!
 José, où vas-tu?

Apesar do esforço em manter o poema na sua íntegra com todos os versos pentassilábicos, os três versos com seis sílabas que aparecem (v. 14, 15, 17), foram inevitáveis devido à falta de flexibilidade da forma negativa francesa na língua padrão. De qualquer forma, vale ressaltar que não fomos além do que foi o próprio autor com relação à métrica, uma vez que o nosso grande poeta Drummond recorreu quatro

vezes aos versos hexassilábicos: (v. 16, 17, 53, 61).

O recurso supra-idiomático, utilizado nos versos 42 e 43 substituindo “Minas” por “pays”, parece-nos necessário, uma vez que “Minas”, na língua de chegada, não teria a mesma conotação desejada pelo poeta mineiro; enquanto que “pays”, sugere o que Drummond, talvez, quisesse expressar no seu verso usando o topônimo.

Conclusão

Ainda são poucos os estudos aprofundados sobre o processo de traduzir poesia, os problemas enfrentados e as estratégias para resolvê-los.

A maior preocupação na tradução do poema foi manter um equilíbrio entre a fidelidade contextual e a estilística, uma vez que, em poesia, uma não pode estar dissociada da outra, conforme já o dissemos: a sonoridade, o acento dos vocábulos, a harmonia das rimas, o aspecto visual, a composição das estrofes, tudo isso é, ao mesmo tempo, conteúdo e forma, que o tradutor deve –na medida do possível– respeitar, criativamente.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de (1973). *Réunion–Reunião*. Collection Bilingue. Aubier Montaigne.
- COSEIU, Eugênio (1980). *O Homem e sua Linguagem*. Rio de Janeiro, Presença.
- MOUNIN, Georges (1963). *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris, Gallimard.
- RÓNAI, Paulo (1981). *A tradução vivida*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- VINAY, Jean-Paul (1968). La traduction humaine *In Encyclopédie de la Pléiade V. “Le Langage”*. Paris, Gallimard.